

Eduardo Saavedra

ACAS

DIAS MELHORES

livro um



**EDITORA
VICENZA**

Quantas tramas predestinadas podem derivar de acontecimentos frutos do acaso?

Depois de “O Preço de uma Paixão”, Dudu Saavedra está de volta com sua primeira parte de sua trilogia. Suspense do início ao fim, o estilo de narrativa eletrizante do primeiro livro encontra uma estória mais densa em ACASO - Dias Melhores.

A Partir de um lance fortuito, numa tarde reflexiva de Réveillon, Kassen se encontra com o amor de Vânia e envolve-se numa sequência de situações surpreendentes.

Para ajudar, a amiga de longa data, Márcia, acabará sendo atirada ao centro de uma trama envolvendo gente poderosa e muito perigosa.

Nesta jornada conhecerá André, o surfista solitário morador de um quiosque na beira da praia, bem em frente à casa de Vânia. O novo amigo atleta, espirituoso e sensível, no entanto, possui contatos duvidosos e esconde uma arriscada vida dupla.

Fatos ocultos do passado começam a assombrar e para ajudar a solucioná-los, o detetive Irravachi retorna à cena.

Em paralelo às aventuras, os quatro amigos acabam envolvendo-se entre eles em complexas relações amorosas, cheias de conflitos e lances surpreendentes que mostrarão os limites entre o acaso e o destino.

Renato Mendes



Estou aqui para a realização de mais um sonho. Foi fantástico ver a reação das pessoas quando lancei o primeiro romance em 2013. A obra estava engavetada desde 1998 e depois de adquirir maturidade literária, ler muito e progredir na minha carreira, meu desafio passou a ser fazer algo mais adulto.

O público alvo permanece o mesmo. Todos aqueles que amam a leitura. No melhor estilo narrativo do início ao fim, a trilogia Acaso vem para ratificar minha mente criativa que não coube dentro de um único volume. Agradeço a parceria e a confiança que a Editora Vicenza me confiou e espero que juntos possamos trilhar um caminho de sucesso. Boa leitura a todos e permitam-se mergulhar na história.

Eduardo Saavedra

degustação - gentileza da Editora Vicenza

Capítulo Um

DIAS MELHORES

Era fim de tarde naquele sábado. Era também véspera de ano novo. O altruísmo das pessoas durante as festas pertinentes ao final de ano me incomodava cada vez mais. Praticamente um ano inteiro se passou sem que as pessoas ao menos falassem comigo e durante a semana de Natal se convidavam para ir a minha casa. Eu não tinha nenhum problema em olhar dentro dos olhos de alguns, vasculhar o vazio por detrás da íris, abrir um sorriso sarcasticamente afetivo e dizer um sonoro não. Sem justificativas, para não ser rude, mas verdadeiro com os oferecidos. Impressionante que mesmo assim, uma semana depois as pessoas vinham falar comigo como se eu pudesse ter mudado de ideia em relação ao Ano Novo. Eu definitivamente não estava bem, talvez comigo mesmo. Talvez as pessoas não tivessem nada a ver com isso, e fosse aceitável ver as pessoas confraternizando por conta das festas, mas não eu, pois minha semana tinha sido a pior dos últimos tempos. Eu precisava pôr minha cabeça no lugar, pensar no que ia fazer dali para frente. Afinal, seguindo as tradições, não existe melhor época para fazer promessas e traçar metas inatingíveis ou ainda reforçar as do ano que terminou e você sequer começou a executar. Estava totalmente sem rumo. Nada parecia dar certo pra mim, e ao mesmo tempo tinha pessoas me dizendo que minha vida era excelente, que gostariam de estar no meu lugar. Totalmente insano esse pensamento. Quase sempre capitalista. Eu era capaz de dizer que trocaria de vida com qualquer uma desses sangue sugas que me diziam isso. Olhei para o relógio no pulso esquerdo e marcava a mesma hora de um tempão atrás. Bati com a ponta do indicador no vidro do relógio e então me dei conta que meu relógio estava parado e eu não fazia ideia de há quanto tempo. Até seria fácil cal-

cular pela hora parada, mas na hora isso não me passou pela cabeça. Entretanto a data era exata. Dia trinta e um... Místicos e supersticiosos diriam que isso era um sinal para eu resolver alguma coisa pendente ainda aquele ano...

Olhei para o relógio da rua e esperei até que mudasse a claue, que mostrava o termômetro. Marcava trinta e seis graus quase seis da noite. O horário de verão avançava na virada do ano e eu ainda estava enjoado do cheiro dos chesters, tenders e rabanadas que tomavam os ares dos mercados e residências do bairro. Sem planejamento e sem paciência para festinhas provenientes da época, eu decidi ir para a praia. O fim de tarde era convidativo para uma reflexão junto ao mar. Já queria ter feito isso umas duas semanas, mas a praia era o palco principal das festas. Fazia um tempo que eu não me dava esse mimo de ir só. Caminhei pela orla e os preparativos para a queima de fogos já estavam avançados. Em frente a um hotel famoso tinha um palco enorme montado com um telão luminoso e o sistema de som em lines e subwoofers estavam espalhados pela faixa de areia ao longo da orla. Tomavam quase dez quarteirões completos e a estimativa de expectadores era superior a um milhão. Parecia que meu passeio “solo” ficaria para os dias seguintes... Eu estava quase desistindo de curtir um pouco a praia por conta dos ambulantes que invadiam minha privacidade e até meu espaço físico colocando-se na minha frente, objetivando a venda de suas mercadorias. Em sua maioria bebidas alcoólicas. Continuei caminhando, olhando os técnicos que faziam ajustes no som. Era algo que me chamava atenção, pois eu sempre aprendia alguma coisa diferente observando. Parei no calçadão em paralelo ao palco. Olhava para os roadie crew que não paravam um minuto afinando instrumen-

tos e equalizando microfones. Faziam repetidas vezes e guardavam os ajustes na memória da Yamaha 01V. Repentinamente olhei para o fundo do palco. Um pedaço do material que dava acabamento à arte estava solto revelando um canto. Repentinamente olhei para o fundo do palco. Um pedaço do material que dava acabamento à arte estava solto revelando um canto convidativo. Continuei caminhando paralelamente ao palco sem perder aquele foco. Cheguei a uma areia sem iluminação, fria e sem o som do vento. Uma espécie de deserto noturno. Atravessei o cordão de isolamento sem ser notado e caminhei em direção ao mar. Sentei-me isolado, bem perto do mar. No meio de toda aquela expectativa, pessoas caminhando e celebrando alguma coisa, eu consegui. Fui me desligando de tudo. Aquele lugar estava perfeito. De vez em quando uma onda chegava mais forte e quebrava na minha frente fazendo com que a areia abaixo de mim se inundasse me afundando cada vez mais. Junto com a marola vinha aquele aroma de maresia e muitos copos descartáveis. Um saldo negativo como todo ano para os banhistas. Um cheiro particularmente nada agradável também era trazido do mar. Tentava acompanhar todo o movimento do mar a minha frente. A dois metros de mim era possível ver um pequeno rodaminho de areia se formando ainda baixinho, mas ali onde eu estava, encoberta pelo palco, não sentia nenhuma presença do vento. Um grupo de surfistas ignorava toda aquela gente na areia. Depois da arrebentação eles se aglomeravam esperando um momento ideal para uma onda e hora ou outra um deles desviava minha atenção tentando uma manobra, mas as ondas não estavam boas suficientes para a prática do esporte e muito menos para os barquinhos virados de Iemanjá. Embora fosse cedo ainda, a frota

oferecida a santa já era visível. Tentava enxergar o ponto exato onde o mar tocava o céu. O som das ondas quebrando me levava para longe. Os problemas do dia a dia iam ficando para trás e por alguns segundos cheguei a ficar em estado de nirvana. De olhos fechados eu me concentrava apenas na minha respiração, mas não deixando de sentir tudo o que se passava a minha volta. Abri os olhos quando senti que um cão da raça labrador se aproximou de mim e como se me entendesse, deitou-se ao meu lado quieto como se quisesse desfrutar do mesmo momento que o meu. Embora tivesse um, eu morria de medo de cães de grande porte, mas aquele, por algum motivo não parecia apresentar perigo nenhum para mim. Mesmo assim, fiquei observando o animal que me olhava com um olhar dócil, me pedindo para lhe fazer carinho. Não fixava o olhar nos meus olhos e sua mandíbula permanecia aberta o tempo inteiro com a língua de um palmo pendurada de lado, típico de um poodle, embora o pelo marrom e cerrado o definisse bem em sua raça. Minha reação foi inédita com um cão desconhecido. Foi engraçado e diferente ele focando o olhar perdido no mesmo ponto em que estava o meu. Trazia consigo uma pequena bola, mas em momento nenhum a projetou para mim. O aroma da maresia agora se misturava com um mais doce. Eu não conseguia distinguir, mas era muito bom. Milagrosamente, aquele odor, que vinha da mistura do mar; suas algas e copos descartáveis tinham mudado. Eu, sem hesitar, passei as mãos na cabeça do animal e pensei como seria se eu pudesse ser um simples cão. Quantas preocupações eu não teria. Eu sei... Pensamento tolo! Logo se aproximou uma linda mulher se desculpando pelo inconveniente e ordenando que o cão se levantasse. O mesmo parecia não lhe dar ouvidos. Foi engraçado...

Ela insistiu como se nunca tivesse precisado fazer aquilo. Usava as mãos para gesticular e fez um movimento com a cabeça, como se não estivesse entendendo, e eu a convidei para sentar-se conosco. Ela melindrosa, se distanciou uns três metros e sentou. Analisando a situação melhor depois, certamente o espírito festivo de final de ano tinha motivado aquela moça a sentar-se. Voltei meu olhar para o mar, mas era notória a presença de seus olhos claros sobre mim. Uma faixa de luz do sol do final do dia atravessou meu rosto, como se tivesse aberto uma brecha no tapume que dava fundo ao palco. Continuei em silêncio enquanto acariciava o cão. A mulher começou a se mostrar impaciente e antes que ela se levantasse eu olhei para o cão e lhe agradei pela companhia me despedindo dele e dizendo que ele podia ir com a sua dona. Eu jamais me vi falando com um cão desconhecido daquela maneira antes. Usava apenas as palavras que aprendi com o adestrador. As coisas não estavam nada bem pra mim, mas aqueles minutos de companheirismo e afeto começavam a mudar o meu quadro. Isso me fez refletir sobre os cuidados com o meu cão. Eu não me lembrava da última vez que o tinha trazido à praia, se é que eu já tinha feito isso no ano que terminava. O cão imediatamente se levantou, recolheu sua bola com a boca e parou em frente à mulher. Com o rabo abanando, jogou a bola aos seus pés, como se quisesse voltar a brincar. Eu acompanhei a viagem da bola até ela tocar a areia a alguns metros da gente. Enchi as mãos de areia por entre as pernas e de cabeça baixa eu olhava a areia caindo e se misturando ao restante dela enquanto fazia uma espécie de funil com a mão em concha. Foi à vez de ela vir até a mim depois de isolar a bola. Parou na minha frente...

– Qual o seu nome? Eu me chamo Vania.

Meus olhos acompanharam as curvas suaves de seu corpo, começando pelas pernas longas e torneadas. Pude reparar que além de olhos lindos ela tinha os cabelos mais belos e loiros que eu já tinha visto. Esvoaçantes ao vento cobriam-lhe o rosto enquanto ela os tirava com as mãos. O tom do esmalte era bem claro e definido. As marcas das mãos denunciavam sua idade quase madura. E o sorriso eu imaginava ser ainda mais belo. Levantei-me a tempo de fugir de uma marola mais forte que vinha com mais volume de água. Até aquele momento, eu não estava me importando em me molhar, mas não queria bancar o adolescente tomando banho de mar na areia. De fato, desde a hora que me sentei ali, aquela era a primeira marola que eu calculei que chegaria até a mim. Vania de costas, foi pega de surpresa e projetou involuntariamente seu corpo na minha direção. Foi nosso primeiro contato físico. Inesperado por ela e totalmente calculado por mim. Esforcei-me ao máximo para não machucá-la e tentei ignorar completamente a eletricidade que percorreu minhas veias diante da pele macia e delicada de Vânia. Constatei a beleza de seu sorriso branco como uma folha de papel ofício, acompanhado de uma boca cor de rubi abrindo e fechando que quase cantava as palavras. Sua língua por entre os lábios úmidos de vez em quando. Eu, certamente estava com uma cara de idiota e tive que me lembrar de fechar a boca. Ela balbuciou algumas palavras que se eu me esforçasse, não entenderia. Foi nesse mesmo momento que o cão de retorno, se enroscava no meio da gente. Providencial, pois naquele momento fiquei sem palavras pra ela e percebi o mesmo de sua parte. Ela abaixou para pegar mais uma vez a bola para atirá-la ao longe. Os gestos daquela mulher duraram uns seis ou sete segundos, e eu os assisti em dez minutos.

Foi como tivesse sido em câmera lenta. Acompanhei cada detalhe, desde o alongamento dos braços, passando pelo busto. O efeito da água gelada fez com que eu visse mais do que imaginei por debaixo da blusa. A alça do sutiã era vermelha e bordada. Eu reparei nas mãos enquanto arre-messava novamente a bola, a cintura fina e a generosa listra de pele que se formava entre a barra do short e o fim da camiseta revelaram o umbigo pequeno. A penugem fina e loira em suas pernas e os pés lindos em meio à areia molhada dentro de uma sandália de tiras lilás. Confesso que tenho uma queda por pés e aquele par era o mais belo que eu já tinha visto. Sem esmalte, com contornos perfeitos e molhados. Quando ela finalmente se voltou pra mim, perguntei se estava tudo bem com ela. O reflexo do sol na linha do mar me impedia de ver o seu rosto nitidamente, mas eu tinha certeza que ela era linda. Ela respondeu que sim e eu esbocei um sorriso meia boca. Não estava acostumado com esse tipo de situação. Tímido como sempre nunca sabia o que fazer ou dizer nessas horas. Confesso que nunca fui muito bom com as mulheres. Passei as mãos molhadas no cabelo... dela! Não sei o que me impulsionou a fazer isso, mas ela também se assustou afastando-se um pouco.

– Preciso ir embora. Obrigado pela companhia do seu cão e me perdoe por alguma coisa...

Os dois primeiros passos foram tranquilos, mas antes do terceiro, a perna parecia pesar. Era o coração dizendo ao cérebro que parasse minhas pernas. Não podia simplesmente ir embora. Precisava ter a certeza de que nós nos veríamos ao menos mais uma vez. Eu tinha que ter ao menos mais um encontro com aquela sílfide. Não seria casual, pois em algumas horas a praia estaria tomada de milhões de pessoas que se reuniriam ali para a queima de

fogos. Poderia ser ela apenas uma turista, uma visitante e eu precisava ter certeza disso. Meu corpo queria sentir toda aquela vibração novamente. Meus olhos desejavam mais uma vez aquele sorriso e minhas mãos, o toque na sua pele. Voltei o corpo na direção dela e ela já não estava mais por perto. Corria em direção ao seu cão. Seus cabelos longos e esvoaçantes serviram para fixar sua imagem no meu cérebro e embelezar o pitoresco crepúsculo. O coração emitia sinais vitais diferentes do comum. Eu nem lembrava mais porque estava na praia, os motivos que me levaram até ali. Se alguém naquele momento me pedisse um resumo da semana eu certamente responderia de imediato: Virada do ano... Vania! Contra a minha vontade, caminhei quase que de costas acompanhando a brincadeira da mulher com seu cão. Eles pareciam felizes. Está aí, eu precisava caminhar com o meu cão na praia... Meu amigo que me entendia e estava sempre ao meu lado sem me criticar, sem me julgar, e não era chegado a mim pelo que eu tenho ou possa oferecer. Pra muitos não importava o que eu era e apenas o que eu tinha. Eu não me lembro se disse isso em voz alta ou simplesmente pensei, mas um rode crew desviou de mim dizendo que eu tomasse cuidado. Ele me advertiu que andar de costas na areia não era uma boa ideia. Completou dizendo que eu precisava de uma namorada, daquela mulher que eu contemplava de longe e não da companhia do cão dela ou de qualquer outro... Assenti com a cabeça pra ele meio sem graça e agradei seu palpite mesmo não o tendo pedido. Sentei-me em uma das cadeiras fixas do quiosque do Alex, ali no calçadão, logo acima da areia. Bati os pés tirando o excesso de areia, mas sem perder os dois de vista. Constatei a veracidade do que o amigo acabara de me dizer... Não era da companhia do

cão que eu precisava e sim da companhia de Vania. Pedi uma água de coco em voz alta sem mesmo perceber que o quiosque estava com as portinholas fechadas. Continuei minha reflexão... A mente revezava a concentração entre a mulher, o cão e o horizonte detalhado com a queda de um surfista depois de se chocar com um barquinho de madeira. Esse era dos grandes... Depois de um tempo, me dei conta de que minha água de coco não tinha chegado até a mim e constatei que de fato o quiosque não funcionava. Rindo comigo mesmo, e garantindo que ninguém tivesse presenciado tal mico, levantei e voltei para a areia. O céu acima de mim exibia um crepúsculo inigualável. Pena não estar com minha câmera em mãos para registrar aquele tom de azul manchado de laranja. Corri os olhos por toda a dimensão de areia e não vi mais a mulher e o cão. Do palco para trás apenas areia pisoteada e lixo, do palco pra frente já estava ficando impossível ver areia. Pessoas com vestes brancas iam formando uma imensidão de orgia. O vento soprava forte nesse momento e a areia batia contra as pernas. Por um momento pensei se poderiam ter sido frutos de minha imaginação, mas antes mesmo de eu me responder, o cheiro suave e doce que eu sentira antes tomou minhas narinas e não, eu não me lembro de ter sentido aromas antes em nenhum sonho. Dessa vez eu identifiquei... Verbana! Olhei em volta e a mulher atravessava a rua atrás de mim com o cão. Fazia isso de forma magistral. O portão do prédio a frente logo se abriu e o cão correu em direção a um espaço amplo. Depois dela, o portão correu em direção contrária se fechando e não vi mais nada. Embora ela tivesse passado no meio de tantas pessoas, eu tinha certeza de que ela tinha entrado ali. Aguardei uns minutos antes de detalhar e reparar em cada janela da fachada a

fim de ver Vania em uma delas, mas minha busca foi em vão. O padrão das janelas, todas fechadas com vidro preto e ar condicionado embaralhava a vista. A única coisa que era possível contar era o número de andares. Seis no total.

Incrédulo comigo mesmo, tomei o rumo de casa e o caminho agora estava ainda mais congestionado. Pessoas se amontoavam em espaços pequenos. Ambulantes esvaçavam-se de suas mercadorias, agora sem muito esforço. A noite começava definitivamente a cair, mas os surfistas guerreiros pareciam não se importar se era noite de réveillon. As enormes balsas estavam posicionadas para a tradicional queima de fogos. Um quarteirão pra trás da praia ainda era notória a quantidade de pessoas que participaria da festa, mas me desliguei de tudo aquilo e voltei a pensar no que fazer para reencontrar Vania e seu cão. Tive a certeza de dar sentido novamente a minha vida. Com o cair da noite, fui ficando mais lúcido em relação ao que estava vivendo e retomei o raciocínio que me levou a praia. Estava trabalhando insatisfeito, longe do que eu mais amava e sem amigos por perto. Muitos dos que se diziam serem meus amigos talvez até estivessem por ali em algum metro quadrado de areia, mas eu me sentia só. A fase de poucos amigos era constante na minha vida, mas o atual momento era de escassez. Talvez por culpa minha mesmo, mas eu precisava conhecer novas pessoas, ter acesso a pessoas e coisas que eu pudesse desvendar e me valorizar mais. E o início de um novo ano reacendia todas as minhas expectativas. Os pensamentos eram confusos porque não se completavam; todos interrompidos pela imagem da mulher praiana e seus cabelos loiros e esvoaçantes. Caminhava alternando em minha mente vida social, os pés sem esmalte, vida pessoal, penugem loira e fina das pernas, vida senti-

mental, vibração ao tocá-la... Estávamos longe do romper do ano, mas a cada minuto que passava já se ouvia alguns fogos isolados. Entrei na minha rua e os enfeites do Natal ainda eram visíveis e coloridos em muitas casas, diferente da minha que tinha o muro verde musgo totalmente opaco. Já em casa, tratei de acomodar Rick no seu canil, pois ele, como a maioria dos cães, tinha medo de fogos. Entrei, servi uma dose de um Chianti, que tivera seu rótulo escrito à mão. Virei de uma vez só e fui para um longo banho enquanto pensava no que ia fazer para encurtar a noite.

...continua no capítulo 2...

Adquira o livro na livraria da Editora Vicenza
www.loja.editoravicenza.com.br